



**DE PROFESSOR
PARA PROFESSOR:**

ESCOLA DO CAMPO

E AGORA?

LARISSA GEHRINH BORGES

DE PROFESSOR PARA PROFESSOR: ESCOLA DO CAMPO, E AGORA?

Londrina - 2017

Larissa Gehrinh Borges

**DE PROFESSOR PARA PROFESSOR: ESCOLA DO CAMPO, E
AGORA?**

Produto Educacional da dissertação de mestrado intitulada “Saberes Matemáticos nas Escolas Itinerantes: Complexos de Estudos”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, multicâmpus Londrina e Cornélio Procópio, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino de Matemática.

Orientadora: Prof.^a Dra. Línlya Sachs

TERMO DE LICENCIAMENTO

Esta Dissertação e o seu respectivo Produto Educacional estão licenciados sob uma Licença Creative Commons *atribuição uso não-comercial/compartilhamento sob a mesma licença 4.0 Brasil*. Para ver uma cópia desta licença, visite o endereço <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/> ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second Street, Suite 300, San Francisco, Califórnia 94105, USA.



Seria uma atitude muito ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que permitisse às classes dominadas perceberem as injustiças sociais de forma crítica.

Paulo Freire

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	4
2. DE PROFESSOR PARA PROFESSOR: ESCOLA DO CAMPO, E AGORA?	5
2.1 Tudo Novo de Novo	5
2.2 Minha Amiga Van	7
2.3 A Chuva	8
2.4 Alho	11
2.5 Um Susto Daqueles	12
2.6 Tapa Na Cara	13
2.7 Diferença	15
2.8 Mãos na Massa	16
2.9 A Escola é Deles	18
2.10 Uma Fala	20
2.11 PSS Não Tem Vez	22

1. APRESENTAÇÃO

A presente proposta é parte da dissertação de mestrado “Saberes Matemáticos na Escola Itinerante: Complexos de Estudos”, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática da UTFPR – multicâmpus Londrina e Cornélio Procópio, um Mestrado Profissional. Entre as especificidades desse tipo de mestrado, está o desenvolvimento de um Produto Educacional, que é uma obrigatoriedade dos programas profissionais da Área de Ensino. A ideia é produzir materiais que possam ser utilizados por outros professores e profissionais envolvidos com o ensino nos diversos espaços.

Este Produto Educacional se constitui em um livreto composto por 11 crônicas fictícias, que foram inspiradas na realidade vivenciada durante a pesquisa em uma escola do campo. Desde o início da pesquisa, sempre houve a preocupação de desenvolver um produto educacional condizente com o contexto em que a escola pesquisada está inserida. A ideia não era chegar propondo algo, visto que não pertencço àquela realidade e, até então, não possuía nenhum conhecimento a respeito dela. Portanto, buscou-se vivenciar, por um período de tempo, a escola, as aulas de matemática, a sala dos professores e as relações que se estabelecem de forma geral, para que, só assim, pudesse elaborar este Produto Educacional.

Durante a pesquisa, percebi que um ponto fundamental para desenvolver as propostas para a escola do campo que frequentei esbarra na questão dos professores. Embora tenha professores formados na comunidade, a maioria dos professores da escola vem da cidade e está ali de uma forma temporária – seja porque seus contratos com as prefeituras e estados são temporários, ou porque estão ali até que consigam vaga em escolas urbanas. Além de não pertencerem ao contexto em que a escola se encontra, passam o dia na escola, pois, como ela é afastada, os professores saem todos juntos da cidade, no transporte escolar, logo cedo em direção à escola e voltam apenas no final do dia. É uma rotina exaustiva, que muitas vezes acaba prejudicando suas práticas docentes.

O livreto, portanto, é destinado a professores de matemática e, eventualmente, de outras disciplinas que irão dar aula nas escolas do campo,

mas não são do campo. Não quero dizer que a realidade desses professores será exatamente como apresento nas crônicas, muito pelo contrário, espero apenas que, de alguma forma elas possam provocar uma reflexão para que esse professor perceba a importância de conhecer o novo contexto e os sujeitos para os quais irá lecionar.

2. DE PROFESSOR PARA PROFESSOR: ESCOLA DO CAMPO, E AGORA?

Como dito anteriormente, este livreto é composto por 11 crônicas que visam retratar de forma fictícia experiências vivenciadas na pesquisa de campo. Para tal, foi criada uma personagem, a professora Maria. Essa professora já possui alguns anos de carreira e, de repente, se depara com uma escola distinta de tudo o que já havia vivenciado. Nessa escola, ela passa por diversas situações, aventuras, dificuldades e experiências que a fazem refletir sobre sua prática docente. É uma escola do campo, e agora?

2.1 Tudo Novo de Novo

Era um dia qualquer de maio de 2016, mas não para mim. E aí você me pergunta, quem é você? Desculpe a falta de educação, meu nome é Maria e sou professora de matemática. Foi a primeira vez que eu fui à nova escola em que eu trabalharia. Para nós, professores PSS, é comum mudarmos de escola com uma certa frequência, mas sempre bate aquele friozinho na barriga. Como será que vai ser lá? Quem serão os meus novos colegas de trabalho, ou meus alunos.. bate aquela ansiedade. Aquela mudança foi diferente.

Era uma escola do campo, localizada em um assentamento da reforma agrária. A primeira vez que fui até a nova escola, fui com meu carro. Saí de casa por volta das 7h, e o mapa dizia que a distância entre a minha casa e o distrito em que a escola se localizava era de, mais ou menos, 55 km. Cheguei ao distrito tranquilamente, e então, como o GPS não reconhecia a escola, pedi informação em uma vendinha. *É só a senhora seguir pela estrada de terra que fica no fim*

dessa rua, até avistar os eucaliptos, depois disso é só virar à direita que vai dar na escola, eles disseram. Ah, então é tranquilo. Não tem erro! Pobre inocência a minha pensar que seria tão simples assim. Rodei, rodei, rodei e nada de ver esses tais eucaliptos. Mas gente, eucalipto não é aquela árvore imensa? Que dá para ver de longe? Será que tem outro tipo de eucalipto, e ninguém nunca me apresentou? Já sei! Vou ligar para alguém me ajudar. Missão impossível! Nada de sinal por lá. Esperar alguém passar? Mas e se não passar? Já pensou se fura um pneu aqui? Deus me livre. Achei melhor voltar. Continuei rodando até encontrar uma casa. Parei, e me deram a informação de que era para continuar reto e subir a primeira estrada à esquerda. Confesso que não resisti e perguntei se lá havia eucaliptos. A moça me disse que sim, mas que eram recém-plantados e, portanto, eram bem pequenos. Ufa! Pelo menos não inventaram um outro eucalipto. O moço da venda só esqueceu de me passar esse detalhe. Depois de um bom tempo, consegui chegar à escola.

Eu nunca havia dado aula em uma escola como essa. Uma escola que, apenas ao observar sua estrutura física, já demonstrava que era uma escola de luta. Luta para se manter de pé, funcionando, atendendo aquela gente. Uma escola diferente de tudo o que já havia visto antes nas minhas andanças entre uma escola e outra.

Eu estava acostumada com escolas que possuem grandes muros para que os alunos não tivessem contato com as pessoas de fora ou fossem embora durante as aulas, com prédios de alvenaria, com as crianças todas de uniforme, com inspetores de alunos controlando até mesmo quando iam ao banheiro. Nada disso acontece nessa nova escola.

Fiquei boquiaberta quando por lá cheguei. A começar pelo fato de que essa escola não tem muros. Entra quem quer, e sai também. Em uma conversa, durante um café na sala dos professores, com um dos professores que também é morador da comunidade, ele me disse que a escola como é hoje foi construída pelos próprios moradores do assentamento, e que muitos desses moradores são pais dos alunos que a frequentam. Na hora pensei nas escolas urbanas, as quais eu estava acostumada a frequentar. Lá, os pais mal vão às reuniões, enquanto, ali, os pais é que construíram a escola para que seus filhos pudessem estudar.

Ainda durante esse café, o professor me disse:

- *Nossa escola não tem muros, pois todos os que querem aprender ou contribuir de alguma forma são bem vindos.*

Fiquei com aquilo na cabeça. Quanta ironia! E há quem diga que o campo é que é sinônimo de atraso. Deu a impressão de que a escola não é só dos alunos, diretor e professores, mas de toda a comunidade. Bom, se eu estou indo da minha cidade para dar aula lá na escola, devo estar contribuindo de alguma forma e acho que sou bem-vinda, eu espero. Mas... como será trabalhar em um lugar tão diferente assim?

2.2 Minha Amiga Van

Eu já havia feito uma visita para conhecer, e essa seria a segunda vez que iria à nova escola. Mas, dessa vez, iria com a *van* responsável por levar os professores da cidade, pois a primeira vez fui com meu carro, apenas para conhecer. A única coisa que conseguia pensar era que, dessa vez, pelo menos, não ficaria mais de uma hora perdida no meio da estrada de terra, já que o motorista devia estar acostumado com o trajeto.

No dia anterior dessa ida à escola, recebi um *e-mail* do coordenador dizendo que a *van* sairia às 6h30 da praça da igreja matriz. É isso mesmo que você leu, caro leitor: 6h30 da matina! Eu, que sempre tive problemas em acordar cedo, já comecei a fazer os cálculos da hora em que deveria acordar: 5h30 da manhã! Ó céus! Não foi nada fácil acostumar com esse horário, e acho que ainda não consegui, mas, com toda certeza, esse dia foi o mais difícil dentre todos. Além do horário, o *e-mail* também dizia que eu levasse lanche/almoço para passar o dia na escola, pois a *van* retornaria por volta das 17h40. Como li a mensagem às 21h e não tinha nada pronto, acabei dormindo mais tarde do que deveria.

Caindo de sono, mas lá estava eu saindo às 6h15 em direção à praça. Nem mesmo o sol estava totalmente acordado ainda, imagine eu! Fiquei aguardando a *van* com mais alguns professores e, exatamente às 6h30, lá estava ela. Um dos professores, ao ver meu estado de sono, disse que dava para dormir

mais um pouco no começo da viagem, e confesso que fiquei extremamente feliz. Só não entendi o “começo da viagem” e pensei aqui com meus botões: começo? Eu vou é dormir até chegar à escola! Pobre inocência a minha.

São 70 quilômetros a serem percorridos. Por força do hábito, já comecei a calcular o tempo de sono que teria. Era tudo de que eu precisava. Os 60 primeiros quilômetros são de estrada asfaltada e, apesar do grande fluxo de veículos, a viagem é tranquila. Dormi feito anjo. Os 10 quilômetros restantes são de estrada de terra, e aí é que entendi o que o professor quis dizer com “o começo da viagem”. De tranquilo, os 10 km não tinham nada. É um constante sobe e desce, vira aqui e ali, um buraco atrás do outro. Senti-me naquele brinquedo dos parques de diversão de quando era criança, Samba, acho que era o nome (de que, para ser sincera, nunca gostei), ou, então, uma pipoca pulando na panela de pressão. Só conseguia pensar que precisaria passar novamente ali na volta.

O dia foi longo e cansativo. Muita coisa diferente de tudo com que já tinha lidado nas escolas em que trabalhei. Outra hora conto mais sobre isso. Por enquanto, vou me ater somente ao percurso de ida e volta.

Falando em volta, saímos da escola às 17h40 (pontualidade é algo que funciona quando o assunto é a van). Eu estava tão cansada que parecia que um caminhão havia me atropelado, e os buracos da estrada pareciam ainda maiores. Chegamos à cidade por volta das 19h. E fui depressa preparar meus lanches do dia seguinte, pois tudo que eu queria era uma boa e longa noite de sono, mas, é claro, meu sono de princesa foi interrompido pelo despertador às 5h30 da matina. Não preciso dizer que ele se tornou um vilão! É hora de levantar e encarar mais um dia!

2.3 A Chuva

Fazia cerca de uma semana que eu estava trabalhando na escola quando aconteceu pela primeira vez. Eu ainda não havia me acostumando com a dinâmica da escola, mas, aos poucos, ia me adaptando ao novo ambiente de trabalho, àquela rotina.

Naquele dia, havia um murmurinho entre os alunos sobre a possibilidade de irem embora mais cedo da aula. Confesso que fiquei sem entender. Imaginei que seria alguma dinâmica da escola, que eu não sabia, por ser novata ali, mas, como o diretor e o coordenador não haviam me passado nada, segui para a sala de aula normalmente. Era a 2ª aula do período da tarde, para uma turma de cerca de 12 alunos do 1º ano do Ensino Médio. Logo que cheguei, surgiram diversos questionamentos sobre mim, antes mesmo que me apresentasse. As perguntas versavam sobre como havia ido parar ali, naquela escola, de onde eu estava vindo, se a professora que eu estava substituindo voltaria ou se eu assumiria até o fim do ano, se eu passava tarefa e coisas assim. Após respondê-las, uma nova pergunta surgiu:

- *Que horas vão liberar a gente pra ir embora?*

Imediatamente respondi que acreditava que seria no horário normal, às 17h40, pois ninguém havia me passado outra informação. Foi quando um dos alunos disse alto, claro e com um certo ar de tensão:

- *Mas vai chover, fessora!*

De imediato respondi:

- *Uai, gente, mas chuva é lá motivo para não se ter aula?*

A resposta veio na hora, de diversas bocas:

- *Claro que é psora! Olha lá, já tá garoando.*

- *Vai vim chuva professora, um temporal, eu preciso ir pra casa.*

- *Psora! Vou ter que ir embora de a pé se chover muito, como vou subir com a moto naquelas pedreiras lá?*

No início, eu não estava entendendo tanta preocupação com a chuva. É só uma chuva, gente! Nem estava tão forte assim, quem disse a ele que ia vir um temporal? Mas aí começou a gotejar dentro da sala de aula, pois, como as salas são feitas de madeira, há algumas frestas entre as tábuas, e os alunos começaram a desviar suas carteiras das goteiras.

Quando um dos alunos disse sobre “passar com a moto nas pedreiras”, vieram duas coisas à mente. A primeira foi o fato de não entender como um aluno que não tem mais do que 16 anos havia ido à escola de moto, sendo que não tem nem idade para ter carteira de habilitação. Depois de algum tempo, percebi que isso era uma prática normal entre os alunos do Ensino Médio. A segunda coisa que me chamou a atenção foi a estrada. Se já é extremamente difícil percorrer o caminho quando não chove, será que a van consegue atravessar aqueles buracos, subidas e descidas com chuva?

Após uns 20 minutos do início da aula, a chuva apertou. Começou a chover muito forte, e então os alunos foram liberados para que corressem para os ônibus responsáveis por levá-los à escola. Caso eles ficassem mais alguns minutos na escola, provavelmente os ônibus não conseguiriam percorrer o trajeto necessário. Como os alunos foram dispensados, nós, professores, também fomos.

Foi uma correria que só! Os alunos correndo em direção aos ônibus em meio à chuva, os professores correndo para a sala dos professores para pegar seus materiais.

- *Pega tudo rápido, se não a gente não chega em casa hoje!*, disse uma das professoras.

Fiquei tensa com aquela frase. Como assim, não vou chegar em casa hoje? Tentei ir o mais rápido que pude. Passei na sala dos professores, peguei meu lanche na geladeira, juntei meu material e, quando fui sair da sala dos professores, levei um tombo na escada! Foi lama para todo lado. Fingi que nada tinha acontecido, levantei rápido e fui em direção à van. Saímos da Escola por volta das 14h15, e aquele caminho, que já não era fácil, ficou três vezes pior, mas, apesar da dificuldade, conseguimos atravessar a estrada de terra sem atolar. Chegamos à cidade às 15h40 e só quando já estava em casa percebi que havia aberto o pulso quando caí.

Costumo dizer que cada dia de trabalho lá na escola é uma aventura. Nunca sabemos como vai ser o nosso dia ou a hora em que voltaremos para casa, só se sabe que a aventura estará garantida. A chuva é a solução para os moradores do assentamento visto que a maioria trabalha com a plantação em

seus lotes, mas, para que as aulas aconteçam, ela se torna um grande e difícil problema.

2.4 Alho

Desde o dia em que comecei a frequentar a escola, o percurso da estrada de terra mexe com o meu estômago. Visualizar a tela do celular nesse período é pedir para passar mal. As letrinhas começam a se mexer no mesmo ritmo do ônibus, e aí é batuta! Preciso correr para o banheiro. Acho que herdei um pouco de labirintite da minha mãe, ou sei lá, talvez eu tenha o estômago fraco. A única coisa de que tenho certeza é que essa combinação não me faz bem.

Um dia desses, fomos liberados na hora do almoço, pois na escola não há rede de esgoto e a bomba que impulsiona a água de uma mina até a escola havia quebrado. Como a van que leva os professores não estava na escola, fomos com o ônibus que transporta os alunos até o distrito, a fim de tomar o ônibus que leva os professores da escola desse distrito à cidade. Quando o ônibus dos alunos (nesse dia, com alguns professores também) partiu da escola em direção ao distrito, eu só tinha um sentimento: que saudades da van! Ela chacoalhava bem menos. Reclamei tanto dela, e naquele momento daria tudo para tê-la. Quanta ironia do destino!

Uma coisa, porém, conseguiu prender minha atenção, durante aquele trajeto, fazendo que, tirando as batidas de cabeça na janela do ônibus, meu estômago continuasse firme: uma conversa entre uma professora e dois alunos. A professora perguntava a um dos estudantes por que ele não tinha trazido mais alho para vender, pois ela estava precisando. Ele disse que o alho ainda não estava pronto para a colheita. Outra estudante sugeriu, então, que a professora começasse a plantar seu próprio alho. Ela disse que não sabia como se faz. O menino começa a explicar-lhe todo o processo, dando uma verdadeira aula sobre como e quando produzir um alho de qualidade.

Eu fiquei abismada, extasiada, encantada e todos os “adas” possíveis. Como uma criança que devia ter lá seus 12, 13 anos sabia tanto sobre a

produção de um alimento que eu sequer sabia como nascia? Eu mal e mal sei plantar o feijão no algodão, como me ensinaram na pré-escola.

Outro dia, ouvi alguém dizer, em uma dessas palestras que a secretaria de educação faz para os professores, que todo mundo traz uma bagagem de experiências vividas, mas não tinha parado para pensar que até mesmo uma criança pode trazer algo que possa ensinar à gente, que passamos anos estudando na academia. Foi uma bela de uma bofetada na minha cara.

Percebi, durante minha vivência na escola, que é comum a comercialização de alimentos produzidos pelos alunos e suas famílias com os professores. Confesso que adorei! Os alimentos vêm fresquinhos, sem aquele gosto de agrotóxico dos que a gente compra no mercado.

2.5 Um Susto Daqueles

Foi um susto daqueles que gela a espinha e dá um *iceberg* na barriga. Eu estava sozinha na sala dos professores quando aconteceu pela primeira vez. Eu não sabia se ficava ali, olhando para ele sem me mover, ou se saía correndo e gritando de medo. Nem um, nem outro. Saí de lá devagar. Mal dava para ouvir o som dos meus passos e minha respiração. Aquela criaturinha parecia me encarar, dizendo que ali era o lugar dele.

E então você me pergunta a que criatura me refiro. Refiro-me a ratos, meu caro leitor. Sim! Isso mesmo que você entendeu. Ratos! Somente enquanto estive lá, pela manhã (cerca de 3 horas), vi quatro ratos transitando de um lado para outro.

Naquela manhã, eu só tinha dado a primeira aula do período matutino e aguardava, pois daria mais algumas aulas no período vespertino. A ideia era permanecer na sala dos professores organizando uns materiais, mas isso não foi possível. Depois que consegui sair da sala, fiquei o tempo todo na porta, debaixo de um sol escaldante que parecia cozinhar meus neurônios, analisando a movimentação dos meus novos “amiguinhos”.

Os alunos de uma das turmas do Ensino Médio, ao me verem do lado de fora da sala, morrendo de medo, se divertiam. Foi quando a professora dessa turma veio em minha direção perguntando o que havia acontecido, pois os alunos haviam dito que eu estava há um bom tempo debaixo do sol e fora da sala dos professores.

Quando contei o que houve, ela me disse que, de certa forma, eles já estavam acostumados. Pelo fato de os professores consumirem alimentos naquele local, a sala ser feita de madeira e estar cheia de armários com papéis e alguns livros velhos, era o ambiente perfeito para eles. Mas eles só aparecem quando a sala está quieta, isso não acontece quando há vários professores por lá.

Depois do que a professora disse, criei uma tática para conseguir permanecer sozinha na sala dos professores. Quem não tem cão, caça com gato, não é? Ficar sapateando! Isso mesmo! Quando fico batendo os pés no chão da sala – que é feita de madeira – eles se sentem ameaçados e não aparecem. Já estou até pensando em coreografias diferentes para sapatear!

O coordenador, ao saber do meu desespero, iniciou um projeto de caça a essas criaturinhas e, alguns dias depois, eles não davam mais as caras por lá, para a minha alegria. Se foi pelo fato de a caça ter dado certo ou pelos meus sapateios, eu não sei, e, para ser sincera, não quero nem saber. Mas que passei uns apuros com eles, ah, isso passei!

2.6 Tapa Na Cara

Há alguns dias, estava dando uma aula para os alunos do 2º ano do Ensino Médio. A minha tentativa de fazê-los prestarem atenção às aulas foi em vão. Havia muitas coisas acontecendo na escola que eram mais importantes para eles no momento. Uma delas é como aconteceria a reposição das aulas perdidas durante a greve dos professores.

Foi então que uma das aulas me perguntou:

- Psora, mas sobre as aulas que ficou nós vai fazer o quê?

Eu disse que ainda não haviam me passado nada, mas que talvez pudessem ser repostas aos sábados. Ela de imediato me retrucou:

- Ah psora, eu vou dizê pra eles que não venho, eu vou deixá bem claro pra direção ali, eu não vou vim, não tem transporte. Professora, a gente já falô, professora, a gente tem que trabalhá.

Foi então que eu percebi que o trabalho é algo comum entre aqueles adolescentes. Uns trabalham em fazendas, outros nos próprios lotes ajudando na produção e na comercialização de alimentos.

- Passei a noite acordada psora, da 00h às 6h na guarita. Dava um sono, uma vontade de dormir eu tomava café, acho que tomei uma garrafa de café sozinha.

- Eu trabalho a semana inteira. Essas greve que os professor tiveram eu fiquei duas semanas fora de casa por causa que eu posava no Reginaldo, meu patrão, pra ir trabalhar.

Confesso que houve certo remorso acerca de algumas atitudes que tive como professora. Foi uma espécie de tapa na cara, sabe? Eu sempre mandava tarefa e advertia quando eles não me entregavam, mas uma aluna me retrucou dizendo que ela não tinha tempo para fazer.

- Psora, não. Não manda tarefa, por favor... psora, não é... sabe o que que é, eu fico a semana toda fazendo cadastro , mexendo com cadastro¹. Fico até 5 horas da tarde, cê acha que eu vou chegar em casa e ficar fazendo tarefa?

De fato, se ela trabalhava quando não estava na escola, como iria fazer? Eu estava cobrando algo que sempre cobre dos meus alunos de outras escolas, mas, ali, os alunos não tinham como única obrigação estudar. Mais um tapa na cara! Mas será que não há alguma saída? Desde que comecei a lecionar eu mando tarefa de casa, será que o problema em mandar tarefa, para aqueles alunos, não está no tipo de tarefa que nós professores mandamos? E se houvesse um combinado entre os professores para que haja um rodízio de

¹ Cadastro de moradores do assentamento.

tarefas, para não ficar muita coisa? Meu Deus! Que difícil pensar nisso. Descobri que, apesar de estar há alguns meses na escola, eu mal conhecia meus alunos. Estava ali falando, falando e nem sabia quais eram as rotinas deles, o que gostavam de fazer. Detalhe: eu tinha apenas 12 alunos naquela aula, não 40, como estava acostumada. Dá-lhe tapa na cara, de novo!

2.7 Diferença

Diferente, depois da aula em que percebi que não conhecia os meus alunos como deveria, me peguei pensando nessa palavra. O que é ser diferente? O que caracteriza uma diferença? Para mim, tudo pelo que passei, e aqui relatei, nessa escola do campo é diferente.

Nas escolas da cidade, de onde venho, se aparece um rato, a escola é dedetizada. Não existe dificuldade com as estradas de acesso, as ruas são todas asfaltadas. A chuva não molha as salas de aula, pois são todas de alvenaria, e nem interdita as ruas. O professor? Ah, lá é ele quem sabe das coisas. Avaliação? Totalmente classificatória. “Esse é um aluno nota 10, aquele merece no máximo um 4”, diferente de como acontece aqui, onde a avaliação é feita por meio de parecer descritivo. Aqui os alunos são mais que apenas um número. É algo mais próximo, mais humano.

Confesso que essa reflexão deu uma pane por aqui. “Buguei”, como diz um amigo meu. Sabe quando você está se sentindo um peixe fora d’água e, de certa forma, tem contribuído para que continue sendo esse tal peixe?

Mas, voltando à palavra “diferente”, acho que cheguei a uma conclusão que não me agradou muito: a diferente aqui na escola sou eu. Sim, eu! Sou eu que não sou daqui, eu que não estou acostumada com a rotina da escola ou da estrada. É a comunidade deles, a escola deles. E eu? Sou a que veio de fora, que não está habituada a nada disso, e acredito que talvez seja por isso que, para mim, os acontecimentos tomam uma proporção tão grande. E, cá entre nós, que petulância da minha parte, não? Acabo de chegar e já vou dando minhas aulas como bem entendo. Sem perguntar como é a dinâmica e os costumes naquela comunidade, meio que impondo o que e como devem aprender.

Essa reflexão sobre o diferente foi outro belo tapa na cara. Às vezes, nós professores, estamos tão acostumados com a rotina exaustiva de aulas que ligamos o botãozinho do “automático”, sem dar conta de que cada turma, cada escola e cada comunidade possuem suas especificidades, seus conhecimentos acumulados com o passar dos anos, os quais devem ser respeitados e valorizados em sala de aula.

Pensando bem, sempre apontamos o outro como o diferente, mas diferente do quê? Daquilo que temos como o “comum”, daquilo que não é igual a nós. Provavelmente, para o outro, que classificamos como diferente, o diferente somos nós. Acredito que a diferença, então, está no olho de quem vê. Pois bem, acho que está mais do que na hora de sentar e refletir sobre a minha prática docente.

2.8 Mãos na Massa

Aquela reflexão acerca da diferença ficou martelando na minha cabeça. Confesso que já assisti a algumas palestras que levavam em consideração a ideia de valorizar as especificidades dos alunos e o contexto em que a escola se insere, mas tudo é muito lindo na teoria. Na prática, é que está a dificuldade. Como fazer algo que, de fato, valorize as especificidades, sem se tornar meros exemplos ou pontos de partida para atingir os algoritmos que a academia impõe? Isso seria valorizar as tais especificidades? Olha, posso estar muito errada, e me perdoem se estiver, mas, depois de “queimar meus miolos” refletindo sobre essa questão, cheguei à conclusão que, para mim, isso não é valorizar. Acredito que seria uma espécie de trampolim, sabe? Contaria uma historiazinha para tentar envolvê-los e depois despejaria os algoritmos de novo.

Mas voltando à prática, por onde começar? Confesso que não tinha a menor ideia, mas precisava. Certo, e quando foi que “caiu a ficha” de que eu estava apenas reproduzindo conceitos? Lembrei que foi quando percebi que não conhecia meus novos alunos. Pronto! Vai ser por aí! Preciso conhecer meus alunos.

Confesso que, tentando elaborar essa aula, bateu ansiedade e um pouco de tensão. Já me preparei para ouvir a frase “mas essa não é uma aula de matemática?” ou, então, “cadê a matemática daí?”, frases que certamente

ouviria dos meus alunos lá da cidade. Mas aí a resposta estaria na ponta da língua: “Tá”, mas o que é matemática? Seria apenas algoritmos? Não para mim.

Decidi, então, começar fazendo um levantamento dos tipos de produção das famílias dos alunos, em seus lotes. Para isso, fiz algumas perguntas para que os alunos respondessem: Quais são os alimentos produzidos no assentamento pelos familiares desses estudantes? Há produção coletiva entre famílias? Os alimentos são comercializados? Se sim, de que forma? Há cooperativas que revendem os alimentos? Quem são os compradores de alimentos? Os alunos, então, levaram essas questões para casa com o intuito de respondê-las com seus familiares.

Eu estava extremamente ansiosa pelas respostas. Essa questão da produção de alimentos, realmente, havia me chamado a atenção naquela escola. Mas essa ansiedade tinha um pouco de insegurança também. Essas crianças sabem muito mais sobre produção de alimentos do que eu, que sou formada na academia. Como vou administrar essas informações, sem falar besteira? E se me chega uma questão da qual não tenho conhecimento para discutir? É um risco que eu estava correndo, mas tentei enxergar que, caso não soubesse, aprenderia com eles. Agora já tinha sido feito, não tinha como voltar atrás e descartar aquelas pesquisas.

Mas foi dito e feito, não deu outra. Ilusão a minha achar que tudo saíria como planejado no meu plano de aula. Nem parece que já tenho tantos anos de sala de aula, para me iludir assim. O complicado de trabalhar com algo sobre o qual não se tem muito conhecimento é lidar com as surpresas que normalmente ocorrem. É preciso ter uma “sacada” na hora para dar continuidade. Surgiu o conceito de agrotóxicos. E o que eu sabia acerca dos agrotóxicos? Que são venenos e que são muito utilizados em grandes plantações para proteger de pragas para que os alimentos sejam produzidos de forma mais rápida e fim. Não era o suficiente para lidar com produtores de alimentos. Era um assunto no qual eles tinham interesse, fazia parte das discussões de suas famílias. O que fazer nessa hora?

Foi, então, que, para a minha salvação e alegria da nação, um aluno disse que, no seu lote, eles utilizavam adubos orgânicos, que lá veneno era proibido.

Já comecei a aprender aí. Mas sabe como professor é um bicho ligeiro, não é? Foi naquele momento que tive uma ideia para continuar a aula. Como eu não tinha conhecimento para discutir o assunto, pedi autorização ao coordenador para convidar um dos pais dos alunos, ou alguém da comunidade, que pudesse discorrer sobre o tema com a turma.

Quando o pai de um dos alunos veio para nossa aula, foram discutidas algumas questões: Como preparar adubos orgânicos? Como produzir alimentos sem usar agrotóxicos? Como realizar o controle agroecológico de pragas? Eu, certamente, aprendi mais do que qualquer um ali, pois, para mim, tudo foi novidade. Aquele homem, sem formação acadêmica, rico em conhecimentos que foram repassados de geração em geração, utilizando unidades de medidas distintas das que a gente utiliza na escola, “três dedos” de tal coisa, para “um palmo” daquele outro, foi emocionante. Isso é matemática. Isso é o conhecimento acumulado por aquela comunidade. Se antes eu tinha tomado um tapa na cara, essa aula foi um verdadeiro soco em mim, que achava que quanto mais cursos eu fizesse, mais conhecimento eu teria em relação a outras pessoas. Não estou dizendo que não é importante estar em constante formação, muito pelo contrário, acredito que é extremamente importante. O que quero dizer é que há pessoas que não possuem os mesmos anseios que eu e têm muito a contribuir e ensinar. De longe, em todos os meus anos como professora, essa foi a melhor aula que já dei e tive.

2.9 A Escola é Deles

Infraestrutura! Está aí um assunto que é comentado lá na escola, acho que já cheguei a dizer isso a vocês, mas ele não chama atenção apenas de quem vem de fora, não. Um dia desses, em uma das aulas com o 2º ano do Ensino Médio, os alunos só sabiam falar das condições da estrada, caso a chuva viesse. Reclamavam que as salas eram mal iluminadas, que chovia lá dentro e as meninas viviam reclamando de um dos banheiros que estava quebrado. Ah, se formos falar de todas as situações que envolvem a estrutura da escola, ficaremos horas por aqui.

Mas por que estou falando disso aqui, se já falei lá no início? É que, nos últimos meses, a coordenação teve uma ideia, baseada em outra escola, que achei genial!

Eles pegaram alguns temas como: embelezamento, infraestrutura, saúde e bem-estar, comunicação e alguns outros. Depois, pediram que nós, professores, nos organizássemos de acordo com o tema que mais nos interessava, e o mesmo foi proposto aos alunos. Em seguida, elaboraram grupos formados por cerca de 2 ou 3 professores e alunos. A proposta tinha como objetivo que a própria comunidade escolar contribuísse com as melhorias da escola, já que haviam cansado de pedir aos governantes. A escola é da comunidade, foi construída por ela, pertence a eles. Achei isso sensacional!

Juntamente com outros dois professores, eu optei pela infraestrutura! Não sei dizer o que mais me emocionou nessa proposta, se foi ver a escola botando a mão na massa, ou se foi o envolvimento dos alunos em melhorar algo que é deles. É lindo ver como aquela comunidade luta pela escola deles, e confesso que nunca tinha visto algo assim, afinal, não é o governo o responsável por esse tipo de coisa?

É algo novo lá na escola, mas, em apenas alguns meses, os frutos dessa empreitada já têm aparecido. Nós da infraestrutura, por exemplo, já construímos as barraquinhas da festa junina, já reformamos o banheiro das meninas e também cercamos uma fossa com os bambus que sobraram da festa junina, que era aberta e oferecia risco para as crianças que circulavam pela escola.

Mas nem tudo tem sido às mil maravilhas. Há também os percalços. Um deles é o horário em que os trabalhos são realizados. Os momentos destinados a essa proposta acontecem no horário das aulas, de forma rotativa. Ou seja, cada dia de ação do projeto acontece em um e em uma aula diferente, para que não sejam tomadas as aulas de um mesmo professor. Apesar dessa rotatividade, ainda tem sido difícil porque nós, professores, precisamos cumprir o currículo que o município e o estado mandam. Se já é difícil fazer isso, com todas as aulas que temos durante o mês, como fazer com menos tempo? Se bem que, quando foi a última vez que consegui cumprir o currículo mesmo? E os alunos, será que eles conseguem “cumprir” o currículo junto comigo? Outro percalço é a falta de

conhecimento acerca de algumas situações. Por exemplo, no meu grupo de infraestrutura, o que ajuda muito é que o professor de geografia tem bastante conhecimento sobre o tema, porque eu mal sei bater um prego. Outro dia mesmo, uma colega dizia que “tive que parar minha aula para plantar quiabo... e eu preciso ensinar divisão para eles. Como vou plantar quiabo se eu não faço ideia de como fazer isso?”

É, meus amigos, as coisas não são só maravilhas não. Longe disso, mas acredito que seja porque a proposta é recente. A ideia é muito boa, mas precisa ser adaptada à rotina da escola, se não, como vamos conseguir cumprir todo o currículo? Meu Deus, nem quero imaginar!

E isso tudo é apenas o começo! A cada dia que passa lá na escola, novas aventuras surgem e mais tombos eu levo, porém mais aprendo, me envolvo e me sinto parte também. Estou feito criança aprendendo a andar.

2.10 Uma Fala

O problema de começar a elaborar propostas para as aulas que tenham uma maior relação com a realidade dos alunos é que eles sempre voltam para sua aula na expectativa de novas atividades que caminhem na mesma perspectiva.

Pedro: Psora, hoje nós vamos fazer algo diferente de novo?

Confesso que essa frase me fez rir. Ele estava se referindo à aula sobre a produção de alimentos e agrotóxicos que tivemos na semana passada. Queria dizer que aquela aula foi diferente das aulas de matemática a que estava acostumado, porém ela é muito mais próxima da realidade dele do que as aulas do tipo “receita de bolo” a que ele se referia como normal. Pode ser que o diferente se dava em razão da visão “normal” que ele tinha sobre aulas da escola. Enfim, essa palavra mexe comigo. É só ouvi-la em situações diversas, que já começo a matutar, aqui com os meus botões, sobre o que é o diferente para quem a enuncia.

Mas, seguindo com a pergunta do aluno, respondi que naquela aula precisaríamos ver as fórmulas de cálculos de juros, mas que eu estava preparando algo para as próximas aulas. Por que está me olhando com esse olhar julgador, caro leitor? Ora, não é tão simples assim. Ainda não consegui implementar essa dinâmica em todas as minhas aulas.

Enquanto eu passava no quadro o seguinte problema: A Ana Júlia fez um investimento de R\$1200,00 e a taxa de juros foi de 15% ao ano. Analise a aplicação que a Ana Julia fez, nos juros simples e compostos, (...).

Os alunos estavam na maior conversa paralela. Percebi que as coisas haviam voltado a como era antes da última atividade naquela turma. Ninguém prestava atenção em mim, apenas copiavam e conversavam sobre diversas outras coisas. Aquilo me deu uma agonia tremenda. Eu já sabia pelo que eles se interessavam, e estava fazendo tudo igual de novo. E esse exemplo, meu Deus! Quem ali tem 1200,00 para investir? Eu, pelo menos, não tenho. Foi então que comecei a prestar a atenção à conversa entre dois alunos. Que coisa feia, não é? Ouvindo conversa alheia. Mas eles falavam em um tom que a turma toda podia ouvir, conseqüentemente, eu também.

Em um dado momento, as falas foram as seguintes:

Victor: *Arrumou sua moto?*

Laura: *Arrumei. Reginaldo comprou as peças, aí vou pagando ele.*

Essa é uma daquelas horas em que a gente levanta os braços para o céu e agradece. Apaguei o exemplo do quadro e pedi que os alunos largassem as canetas e se sentassem em um semicírculo. Vamos conversar sobre o que a Laura disse quando o Victor perguntou se ela havia arrumado a moto dela. Os alunos me olhavam como se eu estivesse ficando louca.

Pedro: *Ué, psora, mas a gente não tinha que falar de juros hoje?*

Mas é isso que vamos fazer! E iniciei um debate com a turma sobre a frase “Reginaldo comprou as peças, aí vou pagando ele”. Primeiro perguntei à Laura quem era o Reginaldo. Ela me disse que era o patrão da fazenda em que ela trabalhava. Como eu imaginava, já que o trabalho é algo comum para os alunos daquela turma. Em seguida fiz mais algumas perguntas: Vai pagando

como? Haverá juros por esse “favor”? Se sim, como seria a forma de pagamento? Será descontado do seu pagamento, ou trabalhará horas a mais?

Após Laura responder para a turma os questionamentos, levantei outros para a turma toda (composta por 11 alunos, nesse dia): Dinheiro é a única forma de se cobrar juros? O que é o juro? Em que outra situação pagamos juros? O debate levou a aula toda. Muitas das falas demonstravam que eles não sabiam exatamente qual o conceito de juros. Isso me aproximou ainda mais deles e descobri que apenas três alunos daquela turma não trabalhavam ainda, apesar de ajudar seus pais nas produções de seus lotes.

O que tinha tudo para ser uma aula tradicional, em que eu explicaria, daria exemplos e passaria exercícios de aplicação, tornou-se algo bem mais interessante. Bendita hora em que a Laura soltou aquela frase! E uma coisa eu aprendi com essa aula: O professor tem que estar sempre alerta ao que acontece na escola, e ao seu redor. Às vezes, os próprios alunos dizem quais as necessidades e anseios deles.

2.11 PSS Não Tem Vez

Acredito que essa seja a crônica mais difícil de escrever, até agora. Eu nunca fui boa com despedidas. No início, foi muito (e quando eu digo muito, quero dizer muito mesmo) difícil me adaptar à realidade e à dinâmica da nova escola. Madrugar para pegar a van, a falta de estrutura, contexto totalmente diferente daquele a que eu estava acostumada, ter que preparar marmitas, me adaptar com a estrada, os ratos, ficar atolada por causa da chuva. Enfim, não foi nada fácil.

Mas, por outro lado, foi um grande aprendizado passar por todas essas situações. Principalmente no que diz respeito à minha prática docente. Antes, eu ligava o botãozinho do automático e ia, como se fosse um carro desgovernado. Não pensava muito sobre quem estava na minha frente, agia sempre da mesma maneira.

Após alguns anos de carreira, precisei sair da minha zona de conforto para poder descobrir uma nova forma de lecionar. Depois que me propus a

trabalhar de uma maneira diferente do que fizera durante toda a minha vida, que refleti sobre a minha prática, criei um “bichinho” dentro de mim que tem necessidade de tentar trabalhar com a realidade que interessa aos meus alunos. Esse bichinho ainda é filhote, também está em fase de aprendizagem, feito criança que está aprendendo andar e falar. Às vezes ele leva uns tombos, faz umas coisas erradas, mas tem se levantado, persistido, tentado.

Mas não é algo simples alimentá-lo. É necessário tempo para elaborar as propostas e um ouvido sempre alerta pelos corredores da escola, em busca de situações ou falas que despertem nele a vontade de tentar de novo, mesmo sabendo que corre o risco de levar um outro tombo.

Eu ainda não consegui formá-lo a ponto de utilizá-lo em todas as aulas. Acho que isso se deve a falta de tempo, quantidade de turmas e falta de conhecimento sobre aquela realidade. Mas ele está aqui. Sempre alerta. Em busca de novas oportunidades de se desenvolver e tentar algo novo. Confesso que ele já me deixou em algumas situações complicadas, fazendo sair totalmente do planejado, mas, depois que passa a tensão, eu não fico brava com ele não. Acho que aí é que está o segredo da nossa aprendizagem, só saberemos fazendo. Só aprimoraremos nossas propostas com base no que não deu certo, na prática. Afinal, o que é matemática, senão movimento?

Então, fazendo um balanço de toda a experiência deste ano, acredito que foi um ano de aprendizado. De alguns tapas na cara para mostrar que o professor não é o detentor absoluto do conhecimento, e que os alunos, seus pais e toda a comunidade escolar também podem contribuir com o processo de ensino e aprendizagem.

Confesso que, apesar de todas as dificuldades, esses últimos meses na escola me fizeram querer voltar para dar aulas lá no ano que vem. Mas é aquele famoso ditado, não é? Querer não é poder! Sou professora PSS, não depende de mim. Depende da pontuação. Depende da classificação. Depende da convocação. Ano que vem? É outro ano. Outro contrato. Provavelmente, outra escola.

E por que todas essas crônicas? Bom, quem sabe para dividir com os novos professores que, assim como eu, irão “cair de paraquedas” lá na escola.

Talvez elas possam ajudá-los de alguma maneira. Quem sabe eles tentem criar esse tal bichinho dentro de si mais cedo do que eu, que o criei nos meus últimos meses de escola? Ou, sei lá, talvez não, talvez seja só a necessidade de desabafar. O que eu sei é que sinto a necessidade de alimentar esse bichinho que há dentro de mim, onde quer que eu vá. Como farei? Onde farei? Isso eu ainda não consigo responder, pois, como já foi dito, professor PSS não tem vez. Não depende de mim. Teremos que aguardar.